

Morar constitui uma necessidade básica do homem, “antinatural” por ser a moradia construída por ele e, acima de tudo, um conjunto fruto da razão (HOLANDA, 1995). Igualmente racionais são as formas de manipulação, no mundo ibero-americano, desta condição de necessidade, onde o povoamento foi utilizado como a forma mais rápida e barata, portanto, eficaz de dominação de território. No século XVIII, quando a tensão entre Portugal e Espanha era intensa e os limites fronteiriços buscavam configurar-se, o Continente do Rio Grande de São Pedro seria, apesar do descaso aparente, alvo de atenção por parte do governo central. Nesse contexto, a formação do espaço de Porto Alegre foi fundamental. Assim, procura-se traçar o contexto da construção da Porto Alegre do final do séc. XVIII e início do séc. XIX, não apenas material ou fisicamente, mas sua edificação como centro do continente, verificando a influência dos construtores desta cidade na residência urbana – loteamento, distribuição e possíveis padrões arquitetônicos – restritamente a área de “urbanização” inicial, i.e., no interior do Portão, nas imediações da Rua da Praia até a Rua da Varzinha (atual R. Demétrio Ribeiro). Proponho, observando os registros de imóveis compreender o “portoalegrense” através da sua moradia, pois acredito que a casa é o espaço primeiro de constituição dos homens, além de tratar-se de uma fonte pensada, construída e modificada pelos mesmos.